MARLETE L. BARBOSA SIMPLICIO

**FATORES QUE MOTIVAM E
INTERFEREM NO GOSTO PELA
LEITURA DESDE A INFÂNCIA.**

**FACULDADE DE EDUCAÇÃO SÃO LUIS
NÚCLEO DE APOIO SANTA CRUZ
JABOTICABAL – SP**

2010

MARLETE L. BARBOSA SIMPLICIO

**FATORES QUE MOTIVAM E
INTERFEREM NO GOSTO PELA
LEITURA DESDE A INFÂNCIA.**

Trabalho de Conclusão de curso apresentado à Faculdade de Educação São Luis, como exigência parcial para a conclusão de CURSO de Pós-Graduação Lato Sensu em Língua Portuguesa.

Orientadora: Profª Janaína Lopes

**FACULDADE DE EDUCAÇÃO SÃO LUIS
NÚCLEO DE APOIO SANTA CRUZ
JABOTICABAL – SP**

2010

Dedicamos

Este trabalho a nossa família, professores e colegas de turma, pela convivência e dedicação.

Embora ninguém possa voltar atrás e
fazer um novo começo, qualquer um
pode começar agora e fazer um novo
fim.

(XAVIER)

RESUMO

Com este trabalho pretendemos demonstrar a importância do hábito da leitura já na infância. Esta pesquisa procura apresentar uma análise dos fatores que motivam e influenciam no processo do gosto pela leitura na infância. Destacamos alguns aspectos da leitura, discutimos a importância da família e da escola neste processo. Enfatizamos as reflexões sobre o despertar do gosto pela leitura na criança. Objetivamos, com esta pesquisa, buscar na literatura infantil os fatores e a motivação para formação do hábito de leitura na idade em que todos os hábitos se formam, isto é, na infância. O presente estudo inicia com um breve histórico da literatura infantil, apresenta conceitos de linguagem e leitura, enfoca a importância de ouvir histórias e do contato da criança desde cedo com o livro. O objetivo principal desta pesquisa, é o de detectar os fatores que determinam o processo de formação de desenvolvimento do gosto pela leitura para contribuir com sugestões que possam intervir positivamente nesse processo.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	07
1 LEITURA.....	08
1.1 Evolução Histórica da leitura.....	09
1.2 A importância do ato de ler.....	10
1.3 A formação do leitor iniciante.....	12
2 LITERATURA INFANTIL.....	14
2.1 Gostar de ler.....	14
2.2 A literatura e os estágios psicológicos da criança.....	15
2.3 Origem da literatura infantil.....	17
3 COMO O AMBIENTE FAMILIAR E ESCOLAR INFLUENCIAM NO GOSTO PELA LEITURA NA INFÂNCIA.....	19
3.1 Aprendendo a gostar de ler pelo exemplo.....	19
3.2 Aspectos práticos de incentivo a leitura	20
3.3 Literatura infantil: ambiente escolar	20
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	22
REFERÊNCIAS.....	24

INTRODUÇÃO

Ler é um aprendizado, começa cedo e se estende por toda uma vida, ler é uma questão de dedicação, quem investe na leitura terá uma maior compreensão sobre o mundo ao seu redor.

Incentivar as novas gerações o hábito pela leitura é um desafio que pais e professores enfrentam nos dias atuais.

Esta pesquisa pretende entender o processo de formação do leitor e quem está fazendo o papel de formador desse leitor. Qual o papel da família e da escola neste processo.

Para chegar aos resultados pretendidos, este trabalho organiza-se em três capítulos. O primeiro trata da linguagem e leitura, história e concepção, a importância da leitura e a formação do leitor. O segundo trata do gosto pela leitura desde a infância, e como a literatura infantil ajuda nesse processo. No terceiro e último tópico como a família e a escola influenciam diretamente no gosto pela leitura da criança.

Questões como a influência familiar, emoções, relação professor-aluno, aluno versus ambiente escolar e concepções de linguagem, são fundamentais para compreendermos melhor o processo de desenvolvimento do gosto pela leitura. Por isso, fazem parte do embasamento teórico desse trabalho.

O objetivo principal desta pesquisa, é o de detectar os fatores que determinam o processo de formação de desenvolvimento do gosto pela leitura para contribuir com sugestões que possam intervir positivamente nesse processo.

1 LEITURA

1.1 Evolução histórica da leitura.

Para os pesquisadores, a leitura era encarada de forma diferente dos dias atuais, era reconhecida como uma prática necessária e quase que exclusiva dos religiosos, para que os mesmos aumentassem seus conhecimentos teológicos.

As tentativas iniciais de independência política do Brasil, política catequética, foram decisivas para a prática da leitura. O nacionalismo e a modernização deram início as primeiras práticas de leituras, cuja formação foi altamente influenciada pela cultura européia.

Outro fato marcante foi a descoberta da imprensa no século XVI, e aperfeiçoada no século XVIII, tornando-se um fator contribuinte para o desenvolvimento do processo de leitura no Brasil, introduzindo maior oportunidade de interação com o mundo, mesmo que precariamente.

O desenvolvimento em vários setores da sociedade contribuíram para a ampliação do sistema escolar. A escola passa a ser vista como aquela que transmite a tradição do saber e paralelamente a isso, as mudanças culturais proporcionam um aumento do público leitor.

Para Zilberman (1999) A leitura é um processo ativo, repleto de reconstruções de sentido. acredita em uma leitura constituída de vazios, os quais cada leitor preenche, aprecia, aceita ou recusa de acordo com o seu conhecimento e experiência

de mundo. Podem ser melhor compreendidas se levarmos em consideração o desenvolvimento social, intelectual, linguístico e afetivo do leitor em relação à prática da leitura.

Leitores em desenvolvimento possuem grande capacidade para ler o mundo e os símbolos que o expressam. Cada leitor, possui uma maneira de interpretar a leitura, isso se dá em função do grau de integração e desenvolvimento dos fatores que influenciam esse sujeito: meio escolar, família, emoções e outro. (Silva 1998)

O gostar de ler contribui para a formação de uma pessoa que sabe questionar, contestar e se posicionar frente à realidade que a vida oferece no dia-a-dia. Assim, esse indivíduo descrito terá mais possibilidades de participar dos contextos que a sociedade oferece, expondo suas opiniões com argumentos mais sólidos que sustentarão suas idéias e posicionamentos.

A leitura, abre novos horizontes, é ter a possibilidade de experimentar outras alternativas de existência; é concretizar um projeto consciente, fundamentado na vontade individual. Pois, Segundo (Silva 1998) a leitura constitui-se na principal dieta nutricional para o crescimento criativo de um indivíduo, pois todos os indivíduos dentro de um contexto de liberdade e oportunidade são capazes de ler, e conseqüentemente, de criar.

Através da leitura temos a chance de alargar nossos horizontes, profissionais culturais e pessoais, pois a leitura deve desempenhar múltiplas funções sociais.

Segundo Perotti (2004), o ato de ler é algo mais complexo e tem uma íntima relação com a vida. Esse ato não somente decodifica um texto, mas realiza uma leitura ativa e crítica, proporcionando interação com o texto.

As concepções de linguagem precisam ser citadas e lembradas, pois estas auxiliam e contribuem para formação de diferentes concepções de leitura. E ainda moldam o processo de ensino de leitura dentro da sociedade como um todo. Segundo Moraes (2000), fatores como a invenção da escrita, a diferenciação de classes e o

contato com comunidades estrangeiras desencadearam os primeiros estudos em relação à linguagem.

No decorrer da história da lingüística emergiram tendências que procuraram renovar seus métodos e a respeitaram com ciência. O Estruturalismo e o Gerativismo foram alguns dos movimentos, que trouxeram mudanças e reflexões contribuindo para a ciência em formação - a Lingüística, onde a língua é estudada como uma estrutura, pelo fato de ser formada por elementos que mantêm entre si determinadas relações.

1.2 A importância do ato de ler.

A leitura funciona como um passaporte para o mundo letrado e para o acesso aos bens culturais. A leitura é um componente da vida social na medida em que preenche uma função de comunicação.

O processo de transformação dos símbolos gráficos em conceitos intelectuais exige grande atividade do cérebro; durante o processo de armazenagem da leitura e coloca em funcionamento um número infinito de células cerebrais. Dessa forma, a leitura torna-se estimuladora das atividades cerebrais, pois o ato de ler é um processo mental de vários níveis, que muito contribui para o desenvolvimento do intelecto.

A biblioteca escolar deve ser o centro estimulador de atividades do processo de ensino-aprendizagem e o espaço democrático de atividades de discussões em grupo, pesquisas escolares, de poesias, contos, saraus, exposições e leitura em geral.

Se a escola tivesse a preocupação de formar leitores competentes para ler, pelo menos os textos mais simples do cotidiano, a leitura não se restringiria unicamente às atividades escolares. Com certeza haveria um número maior de leitores assíduos e autônomos, pois a resistência à leitura parece estar principal mente relacionada ao grande esforço que se precisa fazer para entender o texto. Quanto mais dificuldade se tem para ler, mais distante se quer ficar da leitura.

Ora, a leitura no Brasil, ainda não é um bem cultural, plenamente desejado e compreendido pela sociedade brasileira, que desconhece sua abrangência como instrumento de cidadania e como direito individual. Ser leitor não é resultado de um processo natural.

É preciso, além da interferência educacional e cultural, contato permanente com o material escrito, variado e de qualidade, desde cedo, fruto de uma ação consciente da sua importância e função social. O acesso à leitura é uma das mais importantes conquistas do cidadão e ele deve apropriar-se dela como meio de promover sua vida social e intelectual.

Segundo Paulo Freire, “A leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra” (A Importância do Ato de Ler, 1988, p. 32). Baseando-se na visão de Freire, entendemos que a sociedade brasileira, que emerge neste novo milênio como uma nação que vem discutindo e enfrentando variados problemas de maneira dinâmica e criadora, deverá para ampliar e consolidar suas conquistas, desejar e buscar todos os meios possíveis para vir a ser uma sociedade de cidadãos autônomos, críticos, capazes de compreender a realidade do mundo.

De acordo com Paulo Freire, “Na comunidade da leitura vai cabendo ao leitor ou leitora o exercício de perceber se este ou aquele saber referido corresponde à natureza da prática progressiva ou conservadora ou se, pelo contrário, é exigência da prática educativa mesma independentemente de sua cor política ou ideológica”.

Segundo Maria Helena, “temos, então, mais um motivo para ampliar a noção de leitura. Vista num sentido amplo, independente do contexto escolar, e para além do texto escrito, permite compreender e valorizar melhor cada passo do aprendizado das coisas, cada experiência”. (O Que é leitura, 1993, p. 29).

1.3 A formação do leitor iniciante.

Desenvolver o interesse e o hábito pela leitura é um processo constante, que começa muito cedo, em casa, aperfeiçoa-se na escola e continua pela vida inteira. Existem diversos fatores que influenciam o interesse pela leitura. O primeiro e talvez mais importante é determinado pela “atmosfera literária” que, segundo Bamberguerd (2000, p.71) a criança encontra em casa. A criança que houve histórias desde cedo, que tem contato direto com livros e que seja estimulada, terá um desenvolvimento favorável ao seu vocabulário, bem como a prontidão para a leitura.

De acordo com Bamberguerd (2000) a criança que lê com maior desenvoltura se interessa pela leitura e aprende mais facilmente, neste sentido, a criança interessada em aprender se transforma num leitor capaz. Sendo assim, pode-se dizer que a capacidade de ler está intimamente ligada a motivação. Infelizmente são poucos os pais que se dedicam efetivamente em estimular esta capacidade nos seus filhos. Outro fator que contribui positivamente em relação à leitura é a influência do professor. Nesta perspectiva, cabe ao professor desempenhar um importante papel: o de ensinar a criança a ler e a gostar de ler.

Professores que oferecem pequenas doses diárias de leitura agradável, sem forçar, mas com naturalidade, desenvolverão na criança um hábito que poderá acompanhá-la pela vida afora. Para desenvolver um programa de leitura equilibrado, que integre os conteúdos relacionados ao currículo escolar e ofereça uma certa variedade de livros de literatura como contos, fábulas e poesias, é preciso que o professor observe a idade cronológica da criança e principalmente o estágio de desenvolvimento de leitura em que ela se encontra. De acordo com Sandroni & Machado (1998, p.23) “o equilíbrio de um programa de leitura depende muito mais do

bom senso e da habilidade do professor que de uma hipotética e inexistente classe homogênea”.

Assim, as condições necessárias ao desenvolvimento de hábitos positivos de leitura, incluem oportunidades para ler de todas as formas possíveis. Frequentar livrarias, feiras de livros e bibliotecas são excelentes sugestões para tornar permanente o hábito de leitura.

Se o professor acreditar que além de informar, instruir ou ensinar, o livro pode dar prazer, encontrará meios de mostrar isso à criança. E ela vai se interessar por ele, vai querer buscar no livro esta alegria e prazer. Tudo está em ter a chance de conhecer a grande magia que o livro proporciona. Enfim, a literatura infantil é um amplo campo de estudos que exige do professor conhecimento para saber adequar os livros às crianças, gerando um momento propício.

Bamberger (1999), afirma que o que leva o leitor jovem a ler não é o reconhecimento da importância da leitura, e sim várias motivações e interesses que correspondem à sua personalidade e ao seu desenvolvimento intelectual.

Por ler mais, o leitor tem maior facilidade na interação que se processa no ato de ler. É mais rápido, mais perspicaz, mais criativo, crítico, curioso e interessado. O exercício persistente de ler possibilita-lhe criar seus próprios mecanismos de leitura. Está sempre buscando e parece não achar nunca o que procura, porque quando encontra, já projetou sua expectativa de resposta muito além do que encontrou. O leitor é o questionador que vai ao encontro da informação, não fica esperando que alguém a traga.

2 LITERATURA INFANTIL

2.1 Gostar de ler.

Desenvolver o gosto pela leitura, é abrir novos horizontes, é ter a possibilidade de experimentar outras alternativas de existência; é concretizar um projeto consciente, fundamentado na vontade individual. Pois, o gostar de ler contribui para a formação de uma pessoa que sabe questionar, contestar e se posicionar frente à realidade que a vida oferece no dia-a-dia. Assim, esse indivíduo descrito terá mais possibilidades de participar dos contextos que a sociedade oferece, expondo suas opiniões com argumentos mais sólidos que sustentarão suas idéias e posicionamentos.

Despertar o gosto pela leitura na criança, há que procurar histórias bem construídas e que essa história alargue o mundo imaginativo da criança. Optar por livros que tenham boas ilustrações, contribuem muito para o interesse pela leitura, principalmente na primeira infância.

Sabendo, como aborda Zilberman (1998) que é na infância que a literatura, deve ser o referencial para iniciar um processo de leitura, e que por meio desta a criança adentra para o universo da palavra escrita. A autora comenta também sobre as

fantasias criadas pela criança, e, além disso, delinea o histórico da literatura infantil na escola.

Além disso, no que se refere à introdução da Literatura Infantil na Escola e as modificações ocorridas na Idade Moderna e solidificadas no século XVIII, Zilberman (1998) mostra como isso ocorre, com relação à constituição familiar, pois, propiciaram não só a ascensão de instituições culturais, como a escola com sua organização atual, assim como o surgimento de gêneros literários que visavam o público mais jovem.

2.2 A literatura e os estágios psicológicos da criança.

Durante o seu desenvolvimento, a criança passa por estágios psicológicos que precisam ser observados e respeitados no momento da escola de livros para ela. Essas etapas não dependem exclusivamente de sua idade, mas de acordo com Coelho (2002) do seu nível de amadurecimento psíquico, afetivo e intelectual e seu nível de conhecimento e domínio do mecanismo da leitura. Neste sentido, é necessária a adequação dos livros às diversas etapas pelas quais a criança normalmente passa. Existem cinco categorias que norteiam as fases do desenvolvimento psicológico da criança: o pré-leitor, o leitor iniciante, o leitor-em-processo, o leitor fluente e o leitor crítico.

O pré-leitor: categoria que abrange duas fases. Primeira infância (dos 15/17 meses aos 3 anos) Nesta fase a criança começa a reconhecer o mundo ao seu redor através do contato afetivo e do tato. Por este motivo ela sente necessidade de pegar ou tocar tudo o que estiver ao seu alcance. Outro momento marcante nesta fase é a aquisição da linguagem, onde a criança passa a nomear tudo a sua volta. A partir da percepção da criança com o meio em que vive, é possível estimulá-la oferecendo-lhe brinquedos, álbuns, chocalhos musicais, entre outros. Assim, ela poderá manuseá-los e nomeá-los e com a ajuda de um adulto poderá relacioná-los propiciando situações simples de leitura.

Segunda infância (a partir dos 2/3 anos) É o início da fase egocêntrica. Está mais adaptada ao meio físico e aumenta sua capacidade e interesse pela comunicação verbal. Como interessa-se também por atividades lúdicas, o “brincar” com o livro será importante e significativo para ela.

Nesta fase, os livros adequados, de acordo com Abramovich (1997) devem apresentar um contexto familiar, com predomínio absoluto da imagem que deve sugerir uma situação. Não se deve apresentar texto escrito, já que é através da nomeação das coisas que a criança estabelecerá uma relação entre a realidade e o mundo dos livros.

Livros que propõem humor, expectativa ou mistério são indicados para o pré-leitor.

A técnica da repetição ou reiteração de elementos são segundo Coelho (2002, p.34) “favoráveis para manter a atenção e o interesse do leitor iniciante (a partir dos 6/7 anos). Essa é a fase em que a criança começa a apropriar-se da decodificação dos símbolos gráficos, mas como ainda encontra-se no início do processo, o papel do adulto como “agente estimulador” é fundamental.

O leitor-em-processo (a partir dos 8/9anos) A criança nesta fase já domina o mecanismo da leitura. Seu pensamento está mais desenvolvido, permitindo-lhe realizar operações mentais. Interessa-se pelo conhecimento de toda a natureza e pelos desafios que lhes são propostos. O leitor desta fase tem grande atração por textos em que haja humor e situações inesperadas ou satíricas. O realismo e o imaginário também agradam a este leitor. Os livros adequados a esta fase devem apresentar imagens e textos, estes, escritos em frases simples, de comunicação direta e objetiva.

O leitor fluente (a partir dos 10/11 anos) O leitor fluente está em fase de consolidação dos mecanismos da leitura. Sua capacidade de concentração cresce e ele é capaz de compreender o mundo expresso no livro. Segundo Coelho (2002) é a partir dessa fase que a criança desenvolve o “pensamento hipotético dedutivo” e a capacidade de abstração. Este estágio, chamado de pré-adolescência, promove mudanças significativas no indivíduo. Há um sentimento de poder interior, de ver-se

como um ser inteligente, reflexivo, capaz de resolver todos os seus problemas sozinhos.

O leitor crítico (a partir dos 12/13 anos) Nesta fase é total o domínio da leitura e da linguagem escrita. Sua capacidade de reflexão aumenta, permitindo-lhe a intertextualização. Desenvolve gradativamente o pensamento reflexivo e a consciência crítica em relação ao mundo. Sentimentos como saber, fazer e poder são elementos que permeiam o adolescente.

2.3 Origem da literatura infantil.

Os primeiros livros para crianças surgem somente no final do século XVII escritos por professores e pedagogos. Estavam diretamente relacionados a uma função utilitário-pedagógica e, por isso, foram sempre considerados uma forma literária menor. A produção para a infância surgiu com o objetivo de ensinar valores (caráter didático), ajudar a enfrentar a realidade social e propiciar a adoção de hábitos. Infelizmente, ainda podemos encontrar esses objetivos na produção infantil contemporânea.

No Brasil, a Literatura Infantil só chegou no final do século XIX. A literatura oral prevaleceu até esse período com o misticismo e o folclore das culturas indígenas, africanas e européias.

Carlos Jansen e Alberto Figueiredo Pimentel foram os primeiros brasileiros a se preocuparem com a literatura infantil no país, traduzindo as mais significativas páginas dos hoje considerados "clássicos" para a garotada.

Com Thales de Andrade, em 1917, é que a literatura infantil nacional teve início. E foi em 1921 que nosso grande Monteiro Lobato estreou com "Narizinho Arrebitado", apresentando ao mundo Emília, a mais moderna e encantadora fada humanizada.

No entanto, só após a década de 70 houve um grande desenvolvimento da literatura para crianças com a entrada de grandes editoras no mercado.

A produção brasileira de literatura infanto-juvenil, até a década de 70, foi esporádica, constituindo-se basicamente de traduções de clássicos e de algumas coleções estrangeiras de grande apelo comercial.

A literatura infantil é destinada especialmente às crianças entre dois a dez anos de idade. O conteúdo de uma obra infantil precisa ser de fácil entendimento pela criança que a lê, seja por si mesma, ou com a ajuda de uma pessoa mais velha. Além disso, precisa ser interessante e, acima de tudo, estimular a criança. Os primeiros livros direcionados às crianças foram feitos por professores e pedagogos no final do século XVII, com o objetivo de passar valores e criar hábitos. Atualmente a literatura infantil não tem só este objetivo, hoje também é usada para propiciar uma nova visão da realidade, diversão e lazer.

3 COMO O AMBIENTE FAMILIAR E ESCOLAR INFLUENCIAM NO GOSTO PELA LEITURA NA INFÂNCIA.

3.1 Aprendendo a gostar de ler pelo exemplo

Ninguém nasce gostando de ler, aprendemos pelo exemplo. Somos educados para certos hábitos e nos identificamos com certas necessidades que vamos descobrindo ao longo da nossa existência. As famílias precisam investir na leitura, incentivando seus filhos a lerem o máximo que puderem.

Numa casa onde se encontra de tudo, menos alguns exemplares de livros, crianças não encontrarão o ambiente necessário para uma boa formação intelectual.

Tais incentivos esbarram na falta de exemplo dentro do lar. Com certeza, a escassez de livros numa casa será recompensada pela qualidade do interesse de pais que demonstrem gosto pela leitura, e o pouco que tem para ler, o fazem com sofreguidão. Se crianças esbarram com pais que, volta e meia, estão com livros na mão, compulsando-os avidamente, terão seu interesse despertado para saber o que há de tão cativante em tais livros que prendem tanto a atenção de seus pais. (Não resta dúvida que, neste caso, temos um compromisso sério com a qualidade do que lemos.)

O principal incentivo vem de casa para que, na tenra infância a criança já comece a ter interesse pela leitura. A leitura da Bíblia é a porta que abre o caminho dos céus. E me refiro não só aos céus teológicos, mas aos literários, que podem fazer uma criança viajar nas asas da imaginação com as histórias bíblicas de José, Josué, Abraão, Jacó, Daniel e outros personagens bíblicos.

3.2 Aspectos práticos de incentivo a leitura.

Dar o exemplo para os mais jovens, sendo um bom consumidor de livros; promover oportunidades de leitura sadia no ambiente familiar, com troca de experiências e informações; presentear os entes queridos com exemplares de livros que possam contribuir para a sua formação moral e intelectual.

A construção de uma boa biblioteca familiar também será um tremendo incentivo à leitura no ambiente da casa. Crianças que aprendem a conviver com os livros desde cedo aprendem a amá-los e reverenciá-los como fonte de cultura e saber. Existe uma relação emblemática entre livro e leitor de modo que o ato de manuseá-lo constitui-se também em experiência tátil, afetiva, espiritual.

Além disso, cada ser deve ter o seu livro essencial. Ou seja, aquele livro que representa suas idéias, sua formação, seus sonhos e ideais. Para o cristão, a essencialidade deve ser encontrada na Bíblia, livro de cabeceira de quem quer que se pretenda sábio. Outros livros poderão ter espaço vital em nossa vida. Como livros se produzem às toneladas, é fundamental que se saiba escolher o que ler. Ser seletivo na escolha do que ler é o mínimo que se requer de um leitor moderno, para que não se veja metido a ler o que pouco vá acrescentar aos seus interesses espirituais e intelectuais.

3.3 Literatura infantil: ambiente escolar.

Faria (2005) comenta que trabalhar com a literatura infantil na escola é abrir as cortinas do mundo para uma platéia de seres que buscam a construção do ser como sujeitos de uma sociedade.

Dessa forma, cabe ao professor deixá-los sedentos de descobertas. Através da leitura como fruição haverá a reflexão, e por fim a aprendizagem. A literatura infantil

fará com que essa aprendizagem sirva para a constituição de sujeitos que simplesmente não pertençam a uma sociedade, porém a questiona e a transforma.

Cabe a escola promover debates, leitura crítica e comparativa de jornais, dramatização visitas a biblioteca, conversas com o autor do livro, são idéias excelentes para se trabalhar com o livro em sala.

Usar a literatura infantil na escola pede que se tenha um professor com os conhecimentos necessários para trabalhar em sala de aula com as crianças. Eles precisam, em sua formação inicial e também continuada, de possibilidades que demonstrem como usar a literatura em função da formação do ser.

Assim, concordamos com as palavras de Zilberman (1983) quando coloca que é necessário "...a introdução da literatura infantil alçada à condição de participante do currículo do ensino universitário". (ZILBERMAN. 1983, p. 58).

O professor deve estar repertoriado para poder desenvolver um bom trabalho com a literatura infantil e garantir que a função dela seja efetivada.

A literatura infantil na escola possibilita que se faça cumprir o ideário de educação tão comentado na atualidade, vejamos novamente as palavras de Zilberman: A escola necessita de elementos que façam cumprir este ideal. Sendo assim, pode contar com a principal função da literatura infantil: refletir sobre na realidade, desmontando-a e remontando-a na busca da formação de opiniões críticas que questionem a situação real em que se vive. (ZILBERMAN. 1983, p. 68).

Portanto, cabe aos educadores, a oportunidade de refletir sobre a literatura infantil na escola, com certeza ela contribuirá para abrir caminho à concretização do objetivo da educação, da escola e da própria literatura: formar leitores. Leitores críticos que façam acontecer a transformação da nossa sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS.

Desenvolver o interesse e o hábito pela leitura é um processo constante, que começa muito cedo, em casa, aperfeiçoa-se na escola e continua pela vida inteira. Existem diversos fatores que influenciam o interesse pela leitura. O primeiro e talvez mais importante é determinado pela “atmosfera literária” que, segundo Bamberguerd (2000, p.71) a criança encontra em casa. A criança que houve histórias desde cedo, que tem contato direto com livros e que seja estimulada, terá um desenvolvimento favorável ao seu vocabulário, bem como a prontidão para a leitura.

De acordo com Bamberguerd (2000) a criança que lê com maior desenvoltura se interessa pela leitura e aprende mais facilmente, neste sentido, a criança interessada em aprender se transforma num leitor capaz. Sendo assim, pode-se dizer que a capacidade de ler está intimamente ligada a motivação. Infelizmente são poucos os pais que se dedicam efetivamente em estimular esta capacidade nos seus filhos. Outro fator que contribui positivamente em relação à leitura é a influência do professor. Nesta perspectiva, cabe ao professor desempenhar um importante papel: o de ensinar a criança a ler e a gostar de ler.

Professores que oferecem pequenas doses diárias de leitura agradável, sem forçar, mas com naturalidade, desenvolverão na criança um hábito que poderá acompanhá-la pela vida afora. Para desenvolver um programa de leitura equilibrado, que integre os conteúdos relacionados ao currículo escolar e ofereça uma certa variedade de livros de literatura como contos, fábulas e poesias, é preciso que o professor observe a idade cronológica da criança e principalmente o estágio de desenvolvimento de leitura em que ela se encontra. De acordo com Sandroni &

Machado (1998, p.23) “o equilíbrio de um programa de leitura depende muito mais do bom senso e da habilidade do professor que de uma hipotética e inexistente classe homogênea”.

Assim, as condições necessárias ao desenvolvimento de hábitos positivos de leitura, incluem oportunidades para ler de todas as formas possíveis. Freqüentar livrarias, feiras de livros e bibliotecas são excelentes sugestões para tornar permanente o hábito de leitura.

REFERÊNCIAS

- BAMBERGER, R. **Como incentivar o hábito de leitura?** 2. ed. São Paulo: Ática, 1999.
- COELHO, N.N. **Literatura Infantil: Teoria, Análise, Didática.** 7ª ed. São Paulo: Moderna, 2000
- LAJOLO, M. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo.** 12ª ed. São Paulo: Ática, 2004.
- MORAES, M.S. **O gosto pela leitura:** fatores que motivam e controlam. 2000.
- MORAES, José. **A arte de ler.** São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista-UNESP, 1996.
- FREIRE. P. **A Importância do Ato de Ler,** Em três artigos que se completam. 22 ed. São Paulo – SP: Cortez, 1988.
- PERROTTI, E. **Confinamento cultural, infância e leitura.** São Paulo: Summus, 2004.
- SILVA, E.T. **Criticidade e Leitura:** Ensaio. São Paulo: Mercado de letras, 1998.
- SOUZA, I. **Como o leitor se torna leitor?** 2000
- ZILBERMAN, R, **Leitura em crise na escola.** 4ª ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1999.